

TEORIA DO CURRÍCULO: PROPOSTA PARA UM *CURRÍCULO-NÔMADE*

Máximo Daniel Lamela Adó

Orientadora: Prof^a. Dr^a Sandra Mara Corazza

Estudante do Curso de Pós-Graduação em Educação. E-mail: maximo.lamela@gmail.com

Resumo

Este relato de experiência tem como objetivo pôr a mostra o desenvolvimento de um estágio de docência na disciplina *Teoria do Currículo*. A disciplina promove estudos das teorias tradicionais, críticas e pós-críticas em Educação, Pedagogia e Currículo. Seu objetivo está na análise das relações entre cultura, poder, saber, verdade, subjetividade da Educação e na problematização da docência, da didática, do currículo, em espaços escolares e não-escolares. Seguindo essa perspectiva curricular o estágio de docência pautou-se no estudo das teorias tradicionais, críticas e pós-críticas em Educação, na intersecção da Filosofia da Diferença e dos Estudos Culturais com a Pedagogia, a Didática e o Currículo. Tendo como método o estudo de diversos usos de formas de expressão e de formas de conteúdo sistemáticas e assistemáticas propôs a escritura de textos geridos por afecções literárias para o desenvolvimento de um *Currículo Nômade*.

Palavras-chave: Teoria do Currículo, Filosofia da Diferença, Literatura, *Currículo-Nômade*.

Introdução:

O que se inventa aqui é o exercício para um *Currículo-Nômade*. Nosso interesse está na intermediação de nós mesmos como intermediários daquilo que conhecemos e o que queremos daquilo que conhecemos. Intermediários de nós mesmos, fazendo de nossa vida literatura e da “[...]literatura uma passagem de vida” (Deleuze, 1997, p. 11), tendo, enfim, toda literatura como autobiográfica (Cf. Borges apus Woodall, 1999, p. 41). Podemos ponderar que a observação científica exige operações definidas que possam transformar os fenômenos em produtos intelectuais utilizáveis, transformando as coisas em números e os números em leis, e a filosofia está sempre construindo sistemas, como a ciência, para constituir um capital transmissível sendo coisa pessoal sem querer sê-lo (Cf. Valéry, 2004, p. 7). A literatura, no entanto, e ao contrário, visa efeitos imediatos e instantâneos, efeitos de real, ilusão referencial, fazendo-nos pensar que é cópia do real e não sendo, jamais, um programa executável nem nos mais realistas dos romances (Cf. Barthes, 1992). Quão perturbada seria nossa vida se nos dedicássemos a seguir os possíveis roteiros de um Flaubert ou de um Machado de Assis? A ilusão referencial resulta de uma manipulação de signos que a convenção realista camufla, ocultando o arbitrário do código, e faz crer na naturalização do signo (Cf. Compagnon, 2003, p. 109). A literatura sabe-se da ordem do pessoal e deve, pois, assumindo-se como linguagem, ser reinterpretada em termos de signos. Algo como ver com o intelecto, ou, se preferir, com o espírito. Na criação em geral, o observador é a condição de um espaço finito, ele é a cada instante, esse espaço finito (Cf. Valéry, 1998, p.39). O currículo que aqui queremos inventar deixa-se seduzir por um texto amado, ou, visa encontrar sedução nos conteúdos programáticos para a Educação, Pedagogia, Didática, Pesquisa, e, a partir dessa sedução, interessar-se por seus produtos e com eles traçar linhas outras; recorrer à expressão textual para elaborar a urgência de um currículo desagregado, inexecutável;

currículo de um tempo que não passa e não pára; granífero especioso e miríade de diferenças. Esses conteúdos são sempre os dos textos-mundo, mesmo quando sistemáticos ou explicativos, como um Descartes, serão sempre lidos como literários e fabulatórios. Produtos não executáveis, mas geradores de possíveis. O texto-mundo seria a conjunção dialógica do conjunto social considerado como conjunto textual. Como numa conversa entre amigos, tudo é meio e o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina e nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência (Cf. Bakhtin, 1981, p.223), e a existência é sempre esse eu que inventamos a cada vez.

Metodologia:

A tarefa é infundável. Tanto é assim que não coube iniciá-la no estágio e tampouco neste relato, pois se é infundável assim o é por não ter começo. Não traçamos linhas de um ponto a outro por existir, naquilo que compõe a linha, um ponto inicial e um final pelos quais possamos figurar o mundo por essa redução inteligível. Traçamos linhas para visualizar, nessa especulação, a metáfora de uma extensão de continuidade. A linha — explicação figurada — traduz-se como valores contínuos e está para conceber uma ordem no caos; conceber um fimcomeçoemordem. Nosso espírito — tendendo a utilizar essa expressão [espírito] como intelecto, ou ainda, consciência de si, eu ou inteligência e não aludindo a ideia de alma imortal — é feito de uma desordem, mas possui uma necessidade de ordenar (Valéry, 1942, p. 21). Eis que em uma tarefa infundável o método é sistematicamente contra-acabado. Pensar as formas como resíduos e imaginar seus atos formadores. Reduplicar esse procedimento e colocar sobre o primeiro ato formador, ou pensamento, um segundo e imaginar assim, os atos formadores dos atos formadores. Atentar para a ideia de que tal procedimento recai em dobrar sobre si e, nessa vertigem, o objeto observado torna-se o objeto que observa, recriando a cada instante uma repetição de si que se diferencia e se bifurca; uma aventura da linguagem onde o observador, sendo ele o texto descritor, se percebe da mesma natureza que o objeto observado; feito de palavras. Pois, “É o que se tem a dizer, o que se acredita que se tem a dizer que impõe formas novas” (Deleuze, 2006, p. 181).

Resultado e discussão:

O resultado está na criação de um texto curricular inoperante, no sentido de não ser prescritivo ou reproduzível, mas, que esteja entregue aos acontecimentos, às intensidades, à produção de sentidos incorporais corporificados em superfícies onde tais sentidos emergem.

Conclusões:

Não há conclusões, senão processos.

Agradecimentos:

À Prof^a. Dr^a. Sandra Mara Corazza; PPGEDU – Programa de Pós-Graduação em Educação; FACED – Faculdade de Educação; DEC – Departamento de Ensino e Currículo e UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

- BARTHES, Roland. *S/Z*. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- CORAZZA, Sandra. *Os Cantos de Fouror – Escrita em Filosofia-Educação*. Porto Alegre: Sulina & UFRGS, 2008b.
- CORAZZA, Sandra. *Para uma filosofia do inferno na educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DELEUZE, Gilles. “Sobre Nietzsche e a imagem do pensamento” Trad. Tomaz Tadeu e Sandra Corazza. in.: ORLANDI, Luiz.B.L. (org.). *A ilha deserta e outros textos. Textos e entrevistas (1953-1974)*. São Paulo: Iluminuras, 2006, p.175-183.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- VALÉRY, Paul. A tentação de (São) Flaubert. In.: *As tentações de Santo Antônio*. Trad. Luís de Lima. São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 7-12.
- VALÉRY, Paul. *La libertad del espíritu*. Trad. Claudia Schwartz. Elaleph.com, 2000.
- VALÉRY, Paul. *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*. Trad. Geraldo Gérson de Souza. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- VALÉRY, Paul. *Monsieur Teste*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Ática, 1997.
- VALÉRY, Paul. *Mauvaises Pensées & autres*. Paris: Gallimard, 1947.
- VALÉRY, Paul. *Tel Quel I*. Paris: Gallimard, 1941.
- VALÉRY, Paul. *L'idée fixe*. Paris: Gallimard, 1934.
- WOODALL, James. *Jorge Luis Borges. O homem no espelho do livro. Biografia*. Trad. Fábio Fernandes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.